

06 MAI 2014 • 19.30 • SALA SUGGIA

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PÉTER EÖTVÖS DIRECÇÃO MUSICAL
MIKLÓS LUKÁCS CIMBALÃO

1ª Parte

Péter Eötvös

Chinese Opera, para 28 músicos

[1985-86; C.25MIN.]

1. *Abertura e Cortinas (para Peter Brook)* –
2. *Primeira cena (para Luc Bondy)*
3. *Segunda cena (para Klaus Michael Grüber)*
4. *Terceira cena – Cortinas (para Patrice Chéreau)*

2ª Parte

Péter Eötvös

da capo, para cimbalão e ensemble

[2014; C.17MIN.]

(Estreia mundial; encomenda da Casa da Música; Internationale Stiftung Mozarteum – Salzburg, New World Symphony, America's Orchestral Academy – Miami)

Steine, para ensemble [1985/90; C.17MIN.]

Portrait Péter Eötvös I

Artista em Associação 2014



casa da música



ORIENTE 2014

PATROCINADOR ANO ORIENTE APOIO ANO ORIENTE



FUNDAÇÃO ORIENTE



FONDATION ADELMAN
POUR L'EDUCATION



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

RÉSEAU
VARESE



Programa e Cultura

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

PÉTER EÖTVÖS — ARTISTA EM ASSOCIAÇÃO 2014

TRANSILVÂNIA, 2 DE JANEIRO DE 1944

O húngaro Péter Eötvös combina as atividades de compositor, maestro e professor numa carreira de alto nível. A sua música é programada regularmente por orquestras, ensembles de música contemporânea e festivais de todo o mundo; e como compositor e maestro, tem dirigido a sua obra em cidades como Paris, Londres, Berlim, Munique, Viena, Tóquio, Seul, Toronto e Los Angeles. As suas óperas *Love and Other Demons*, *Le Balcon*, *Angels in America* e *Lady Sarashina* seguiram-se a *Three Sisters* e deram origem a um número ainda maior de novas produções. A ópera mais recente, *Die Tragödie des Teufels*, foi estreada na Ópera Estatal da Baviera em 2010. Nas últimas temporadas foram estreadas várias novas obras, incluindo o Concerto Grosso para violoncelo com a Filarmónica de Berlim e o novo Concerto para violino, *DoReMi*, por Midori e a Filarmónica de Los Angeles. Na temporada de 2013/14, estreia duas novas óperas – *Paradise Reloaded (Lilith)* e *Golden Dragon* – e ainda *Speaking Drums* para percussão solo e orquestra, *Dodici* para 12 violoncelos e *da capo* para cimbalão solo e ensemble.

A actividade de Péter Eötvös como maestro é caracterizada por relações duradouras com as mais prestigiadas orquestras, teatros de ópera e ensembles da Europa. Entre 1985 e 2011, foi titular de cargos na Sinfónica da BBC, Orquestra do Festival de Budapeste, Radio Kamer Filharmonie Hilversum, Sinfónica da Rádio de Estugarda SWR, Sinfónica de Gotemburgo e Sinfónica da Rádio de Viena.

Eötvös é considerado um dos princi-

pais intérpretes de música contemporânea. Apresentou-se regularmente com o Stockhausen Ensemble entre 1968 e 1976 e colaborou com o estúdio de música electrónica da Westdeutscher Rundfunk em Colónia entre 1971 e 1979. Em 1978, a convite de Pierre Boulez, tornou-se Director Musical do Ensemble intercontemporain, cargo que exerceu até 1991.

A sua actividade como professor é tão importante para si como as restantes – especialmente o seu trabalho na Musikhochschule em Karlsruhe nos períodos 1992-98 e 2002-08, na Musikhochschule de Colónia em 1998-2001, e no Instituto e Fundação Internacional Eötvös para jovens maestros e compositores em Budapeste, que fundou em 1991. É convidado regularmente pela Academia do Festival de Lucerna.

As obras de Péter Eötvös têm sido gravadas por editoras como BIS, BMC, Deutsche Grammophon, ECM, KAIROS e Col Legno, e publicadas pela Editio Musica (Budapeste), Ricordi (Munique), Salabert (Paris) e Schott Music (Mainz). É membro da Academia de Artes em Berlim, Academia Széchenyi de Artes em Budapeste, Sächsische Akademie der Künste em Dresden e Academia Real Sueca de Música.

Recebeu numerosos prémios e condecorações ao longo da sua carreira: Officier e Commandeur de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério Francês da Cultura, Prémio Kossuth e Prémio Bartók na Hungria, Royal Philharmonic Society Music Award, Prémio SACD Palmarès na categoria 'Prix Musique' e Frankfurter Musikpreis. Recebeu também o Prémio Cannes Classical 'Living Composer' e o Pro Europa Composition Prize, e foi nomeado para um Grammy Award em 2004 e novamente em 2013 pela sua gravação do *Requiem* de Ligeti. Em Se-

tembro de 2011, foi homenageado pela Bienale di Venezia com um Leão de Ouro pela sua carreira musical. A sua gravação dos concertos para violino de Bartók com Patricia Kopatchinskaja, a hr-Sinfonieorchester e o Ensemble Modern foi 'Gravação do Ano' da Gramophone 2013 e ganhou o prémio Echo Klassik.

Chinese Opera, para 28 músicos [1985-86]

«A minha *Chinese Opera* tem muito pouco a ver com a verdadeira ópera chinesa. Na China, cada província tem o seu próprio estilo de teatro, denominado segundo a sua proveniência e tocado sem alterações desde há séculos. *Chinese Opera* é escrita como uma apresentação cénica e cinematográfica. É a 'ópera' da minha própria 'província': diz Péter Eötvös sobre a sua obra de 1986 para uma orquestra de pequenas dimensões, estreada pelo agrupamento parisiense Ensemble intercontemporain.

Existe no entanto uma dimensão absolutamente operática em *Chinese Opera*, ou seja, no sentido de que a música é sempre teatral: ela emerge do gesto, do gesto linguístico. Além da língua, a orquestração de *Chinese Opera* apresenta também (e talvez em particular) uma obra focada no movimento: nas quantidades, na deslocação de massas. Tal como o compositor escreve, trata-se de «aglomerações urbanas que se constroem e voltam a desintegrar-se, cruzando-se umas com as outras – como ao atravessar um cruzamento bastante movimentado». Nesse sentido, a realização 'cénica' foi projectada de modo exclusivo e original: não deveria ocorrer no palco de um teatro, mas sim «na esquina de

uma rua, com uma praça e apartamentos». Poderia observar-se nas janelas «a dança das silhuetas, as cortinas e as luzes», mas também o vaivém da construção na rua. Ópera falada sem palavras, ópera estranha e fantástica, ópera do movimento de massas, do lugar público, não chinesa, mas de uma «província do interior»: é difícil atribuir um género à *Chinese Opera*. Porque, tal como as dedicatórias referem encenadores tão diferentes, a obra é móvel, ela joga, ela assume o contraste das personagens: «a construção da cena rápida, ritualística em Brook, a beleza flexível lírica em Bondy, a fluída polifonia em Grüber, e finalmente a dura verticalidade tipo rochedo em Chéreau.» *Chinese Opera* é uma obra para ouvir, vendo.

PETER SZENDY

Tradução: Helena Silva

da capo

(mit Fragmenten aus W.A. Mozarts Fragmenten), para cimbalão e ensemble [2014]

O significado de "da capo" é voltar ao início e começar de novo. Um processo musical que chega a algum ponto mas não termina, começando uma e outra vez de forma diferente, a partir de material básico diferente atravessando nove etapas, evolui a partir do tema inicial. Os temas iniciais vêm dos blocos de notas de Mozart. São fragmentos, ideias para temas, que na sua maioria ou, pelo menos, na forma esboçada não resultaram em composições acabadas. Péter Eötvös apresenta estes temas aos ouvintes de forma claramente reconhecível (os curtos sinais dos crócalos indicam os temas originais), mas de imediato os desenvolve e

transforma. Os temas de Mozart são quase imediatamente remodelados na orquestra de câmara, cujos instrumentos eram ainda desconhecidos no século XVIII, e a viagem musical torna-se especialmente aventureira quando o solo (no cimbalão) é apresentado por um instrumento musical que não poderia ter sido usado no século XVIII. Embora ouvintes bem versados no estilo do período Clássico vienense possam encontrar vários gestos musicais, formas rítmicas, sucessões de acordes e padrões melódicos familiares, cada elemento musical é ouvido como interpretado e desenvolvido por Eötvös. Outras ideias nasceram a partir das ideias de Mozart: jogos surpreendentes com uníssonos consonantes e dissonantes, afloramentos de timbres especiais e melodias excitantes.

No entanto, estes vão já para além da performance estilística e não pertencem a Mozart, mas antes ao próprio mundo musical de Péter Eötvös. A obra foi composta no Inverno de 2013-2014 a convite da Casa da Música do Porto, do Internationale Stiftung Mozarteum de Salzburgo e da New World Symphony/America's Orchestral Academy (Miami). O solo de cimbalão foi inspirado na performance do intérprete húngaro de cimbalão Miklós Lukács.

ENTREVISTA COM PÉTER EÖTVÖS
a propósito da estreia mundial de *da capo*.

A expressão 'da capo' é utilizada há séculos, significando voltar ao início e começar de novo. O título refere-se à estrutura da obra ou será que sugere algum tipo de noção poética?

O título refere-se à estrutura da obra, ao constante começar de novo. A música começa e chega a um determinado ponto, mas antes de terminar começa de novo, mas de forma diferente, a assim sucessivamente – ao todo nove vezes.

Cada secção individual começa com um tema a partir de Mozart. Porquê precisamente Mozart?

Como compositor, este não é o meu primeiro encontro com Mozart. Em 1979 compus uma obra chamada *Leopold e Wolfgang* para a abertura do evento do IRCAM em Paris que se baseava na correspondência de 1778 entre os dois Mozart. Essas foram as famosas cartas nas quais o filho, que na altura vivia em Paris, não teve coragem de confessar ao pai que a sua mãe estava a morrer, e por um tempo ocultou mesmo a sua morte. A tensão dramática nas cartas teve um grande impacto em mim, de tal forma que formulei essa carga emocional em música, quando associei a segunda parte gravada de Leopold com o solo de violino representando Wolfgang. O público podia ver o movimento e as mudanças de direcção do arco do violino ampliados num ecrã 3x3. Mais tarde retirei essa obra do catálogo.

A segunda obra foi *Korrespondenz – Cenas para quarteto de cordas*, composta em 1992

e, tal como o título indica, baseada nas mesmas cartas. A música nasceu a partir da transcrição fonética de trechos selecionados do texto. Certos intervalos pré-determinados correspondem às vogais (daí cada instrumento tocar cordas-duplas e na realidade a peça ter oito partes). Para as consoantes, usei sons e timbres (*pizzicato, tremolo, sul ponticello*) que podem ser produzidos por vários instrumentos de cordas. Os textos propriamente ditos não são apresentados – o público ouve apenas o som resultante criado a partir dos mesmos. Mozart, ele próprio e a sua música, sobretudo as suas óperas, foram muito importantes para mim nesse período. Quando eu estava a compor a minha primeira ópera, *Três Irmãs*, aprendi muito acerca da dramaturgia da ópera ao dirigir *Don Giovanni* na Ópera de Lyon.

Nas suas obras compostas nos últimos dez anos, surgem frequentemente ‘ecos’ de períodos estilísticos anteriores ou a música dos mestres antigos. As técnicas de citação que usa surgem sempre com algum objectivo dramático e, muitas vezes, só podem ser captadas por ouvidos treinados. Esta é a sua primeira obra que cita música de Mozart.

Em 2013, o Internationale Stiftung Mozarteum em Salzburgo colocou à minha disposição um grande catálogo contendo fragmentos de anotações, ideias para músicas escritas por Mozart. Nessa altura eu já tinha a forma na minha cabeça e sabia que iria escrever uma obra com uma estrutura semelhante à de *ZeroPoint*, cuja ideia básica envolve início – desenvolvimento – deixar em aberto – reinício modificado. Ao ver os *Fragmentos* de Mozart,

decidi iniciar as secções individuais com os seus temas e, ao continuar, transformá-los na minha própria música. A selecção levou muito tempo. Eu queria encontrar temas que fossem adequados à transformação. Foi surpreendente que os temas escolhidos tenham sido escritos originalmente como esboços para andamentos de *Kyrie*. Mas há partes que Mozart escreveu para árias de ópera.

É importante para si que o ouvinte reconheça os temas de Mozart?

O meu objectivo não era especificamente trazer um tema ou fragmento à mente. Estes são tocados por uma orquestra de câmara, composta por instrumentos que eram ainda desconhecidos no século XVIII. Quando são tocados pela primeira vez, trata-se muitas vezes de uma ‘interpretação’ dos temas ou dos fragmentos de temas. São ideias iniciais, que lançam imediatamente um processo criativo onde cada elemento se torna na minha própria música. Portanto, a questão não é os temas de Mozart estarem integrados na peça, mas como eles se transformam. O subtítulo podia ser, porventura, *Lendo Mozart*.

Os crótalos indicam sempre os ‘novos’ temas de Mozart.

Sim, é como um pequeno sino dizendo: “Ouçam agora, acordem!”

Há aqui alguma ironia envolvida?

Antes experiência. Muita gente não reconhece referências retiradas do seu texto original. A minha ópera *Do Amor e Outros Demónios* tem uma ária que surge da

música de Domenico Scarlatti. Mas nesse contexto não é reconhecida. Talvez não tenha importância.

A ideia da partitura, o movimento dos temas, as formas rítmicas e as figurações virtuosas do instrumento solo fazem lembrar as partituras orquestrais de Mozart. Mas, ao ser examinada mais de perto, esta música continua a ter diferentes sonoridades e características, sobretudo devido à composição da orquestra e aos instrumentos solo.

A composição da orquestra foi dada, uma vez que a obra foi encomendada pela Casa da Música do Porto para o Remix Ensemble, que foi escolhido para estrear a obra. Alguns dos instrumentos de sopro ainda não existiam no tempo de Mozart, por isso o timbre é substancialmente diferente daquele das velhas orquestras. Contudo, a diferença realmente essencial está presente na variedade de instrumentos de percussão e no instrumento solo. Pensei desde o início no cimbalo, e a escrita reflecte em grande medida o virtuosismo do extremamente talentoso intérprete de cimbalo Miklós Lukács, mas acabei por escrevê-lo para que pudesse igualmente ser tocado pela marimba. Quer seja a marimba ou o cimbalo a tocar o solo, achei interessante associar estes instrumentos aos temas de Mozart.

A obra foi uma co-encomenda e, por isso, depois da sua estreia no Porto a 6 de Maio deste ano, será apresentada pelo musik-Fabrik em Salzburgo, a 3 de Dezembro, e mais tarde pela New World Symphony em Miami, a 4 de Abril do próximo ano.

Nota à obra *da capo* e entrevista: TÜNDE SZITHA
Tradução: Joaquim Ferreira

Steine,
para ensemble [1985/90]

Uma peça escrita pelo sexagésimo aniversário de Pierre Boulez; de Péter para Pierre. A primeira metade da peça é dedicada à educação. Os músicos aprendem a saber escutar, a reagir, a inventar elementos musicais para tocarem entre si. Aprendem a responsabilidade para a independência – uma forma que não é comum em orquestras europeias tradicionais. No entanto, o “maestro” não conduz, forma antes um trio com dois bateristas. Segue-se um interlúdio no qual o “maestro” improvisa as indicações que dá aos músicos que tocam com pedras. A segunda metade é uma peça orquestral “real”, construída sobre o acorde inicial de “*Don*” (*Pli selon pli*) por Boulez. Um tocador de pratos assume cada vez mais o comando do maestro.

PÉTER EÖTVÖS
Tradução: Helena Silva

MIKLÓS LUKÁCS CIMBALÃO

Miklós Lukács é um dos mais conhecidos e talentosos executantes de cimbalo da actualidade. O seu estilo singular inspira-se na música clássica contemporânea; na música tradicional da Hungria, o seu país, bem como dos Balcãs; e de igual modo no jazz.

Tocou com músicos de jazz de renome internacional, tais como Charles Lloyd, Archie Shepp, Chris Potter, Steve Coleman, Herbie Mann, Uri Caine e Chico Freeman, entre muitos outros. Atingiu um nível de excelência neste género e afirmou-se também no panorama da música clássica contemporânea.

Lukács tem apresentado como solista as obras compostas por Péter Eötvös para cimbalo, juntamente com várias orquestras prestigiadas (Orchestre de la Suisse Romande, Sinfónica da BBC, Sinfónica Nacional da RAI, Filarmónica de Varsóvia, Filarmónica Estatal de Hamburgo, Sinfónica ORF, etc.).

Tem sido recebido em palcos respeitáveis como Covent Garden, Royal Albert Hall, Barbican Center, Carnegie Hall, Concertgebouw de Amesterdão e Óperas de Lyon e Bordéus. Tocou também no Festival Yehudi Menuhin, Festival de Outono de Varsóvia e Festivais de Jazz de Londres, Ljubljana e Cork.

Para além das colaborações com vários ensembles da Hungria, formou o seu quinteto em 2006 – desde então, o Quinteto Lukács Miklós tem-se destacado no universo do jazz com a sua voz original e estimulante. Desenvolve também actividade como compositor, destacando-se música para teatro, orquestra de câmara, peças solo e concertos para cimbalo.

Ensina desde 2001 na Escola de Dança e Música Talentum, e tornou-se professor e director do departamento de cimbalo no Centro de Talento Musical Snétberger, em 2011. Os inúmeros prémios que recebeu comprovam o seu estatuto.

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional, apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas. Em 2011 apresentou-se no Wiener Festwochen (Viena) e no Festival Agora (IRCAM – Paris). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, Compositor em Residência 2011 na Casa da Música. O projecto *The Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris,

Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims. Em 2012 fez a estreia mundial do concerto para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Filarmónica de Berlim. Entre os projectos para 2013, mereceu destaque a ópera *Quartett*, de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. Em 2014 apresenta em estreia mundial *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis, uma encomenda da ECHO, e tem concertos agendados em Lisboa, Paris, Ourense, Madrid e Colónia.

O Remix tem dez discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist e Pascal Dusapin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

José Pereira
Xuan Du

Viola

Trevor McTait
Irma Skenderi

Violoncelo

Oliver Parr
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Ana Raquel Lima
Janete Santos

Oboé

José Fernando Silva
Francesco Sammassimo

Clarinete

Vítor J. Pereira
Ricardo Alves
Cândida Oliveira

Fagote

Roberto Erculiani
Lurdes Carneiro

Trompa

Dario Ribeiro
Nelson Braga

Trompete

Markus Schwind
António Silva

Trombone

Ricardo Pereira
André Melo

Tuba

Adélio Carneiro

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos
João Cunha

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
★★★★★

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

